

19

O ANIMISMO EM JERAL

S. A.

E

SUA REPRESENTAÇÃO ENTRE OS CHINESES

16084

FOR

G. DE VASCONCELLOS-ABREU



LISBÔA

IMPRENSA DE LUCAS EVANGELISTA TORRES

Rua do Diario de Noticias, 93

1889

M 10

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO



S. A.

# O ANIMISMO EM JERAL

E

## SUA REPRESENTAÇÃO ENTRE OS CHINESES

POR

G. DE VASCONCELLOS-ABREU

16084



N. 35.383

LISBÔA

IMPRESA DE LUCAS EVANGELISTA TORRES

Rua do Diario de Noticias, 93

1889

OK

Lino d'Assumpção

J.

o seu amigo

o autor

Os capítulos agora publicados foram lições feitas no Curso Superior de Letras num ano em que ali expliquei o livro de *Tiele (C.-P.) «Manuel de l'Histoire des Religions»* (trad. de Maurice Vernes).

Constituem corpo de doutrina que pode separar-se das outras lições sem quebra de unidade, embora se perceba que fazem parte de unidade maior. Com efeito estes capítulos aqui publicados são apenas os preliminares do curso que fiz naquele ano.

Voltei noutro ano a explicar o mesmo programa já um pouco modificado.

Do curso nesse segundo ano resultou o meu livro — *A religião e a literatura dos Arias na Índia* (Paris, Guillard, Aillaud & C.<sup>a</sup>, 1885. Lisboa, rua Ivens).

O leitor, a quem não for desconhecido o magnífico *Manua'* do Lente da Universidade de Leide, tem ali indicada preciosa bibliografia. Não careço pois de lhe dizer senão, que as principais autoridades de que me servi foram, relativamente à China (de cuja literatura conheço por leitura em livros europeus), trabalhos de Legge, Douglas, Puini, Stanislas Julien, Happel, e o 1.<sup>o</sup> vol. da obra monumental do barão de Richthofen «China».





## O Animismo em geral

O estudo das raças selvagens, actualmente existentes, não traz ao nosso conhecimento o estado primitivo da sociabilidade humana. Traz contudo ao nosso conhecimento um estado primario dessa sociabilidade. Por mais selvagem que seja uma tribo das actualmente existentes, a evolução constante, embora lentissima, tem modificado o grau da sua sociabilidade desde o momento primitivo até aquelle em que essa tribo se depara ao nosso estudo. Todavía, o estudo comparativo dos selvagens tem dado á etnologia importantissima soma de conhecimentos seguros, de que podemos tirar proveito no estudo da relijião de povos acima do estado de selvagens, e até acima do estado de bárbaros.

Còm efeito entre os povos bárbaros e os selvagens há uma serie de tradições e usos comuns, que revela a persistencia, no estado bárbaro, de crenças e práticas no estado anterior. E mais no estado civilizado

existem ainda, entre os povos contemporâneos, superstições não direi já, mas fórmulas, praxes, costumes (e digo-o assim para denunciar a parte culta destes povos), que teem por antecedentes o saber que a experiência e a indução do selvajem tinham dado aos nossos antepassados no seu momento de sociedade primitiva.

Quando admiramos um dos raros episodios de interêsse literario na vastíssima poesia hindu, o episodio de Iajnhadata, achamos duma expressão sublime de sentimento os versos, em que o poeta dá às palavras dos pais do infeliz Iajnhadata, ferido pe'la flecha do caçador e caído morto à beira da agua, o tom de quem fala a um ente ainda vivo :

— «Abraça me, filho, e parte depois ! oh ! tu não me falas ? ! que te fiz eu para não me responderes, como se estivesses ofendido ? ! »

Dizia a contristada mãe de Iajnhadata ao corpo inerte do jovem anacoreta seu filho ; e também o pai :

— «Levanta-te, e vem para nossos braços !... oh ! dize-me quem há de ir aos bosques apanhar as hervas, as raizes e os fructos de que eu e tua mãe, ambos velhos cegos e sem podermos andar, carecemos ? Espera filho ! não partas por ora !... »

E todavia esta expressão de sentimento é a persistencia ou sobrevivencia, atenuada em sentimento, duma acusação real, duma censura efectiva antecedente, duma crença anterior. Ainda hoje os Hotentotes inju-



ríam e maltratam os que morrem increpando-os da sua partida. Ainda hoje os Fijios falam ao cadáver julgando chamá-lo à vida. E nesta expressão — chamar à vida — não estará um resto, o último vestígio da convicção primitiva?

Cuando entramos num cemiterio e lêmos a frase — «A terra lhe seja leve» lêmos a expressão inconsciente já, reduzida a fórmula ritualística sem significação em a nossa actual elevação social. Mas essa fórmula é o resto da crença de que a sensibilidade, o duplo ser, ou a alma, ainda não deixaram de todo o corpo. Assim num hino do Rigveda se lê — «Ó terra, abre-te, e recebe-o (ao morto) em teu seio, envolve-o, qual mãe affectuosa, nas dobras do teu vestido!» Ainda hoje os Guaranis na América do sul cobrem o corpo, que vão sepultar, com um resguardo de barro cóncavo interiormente, e lançam sobre êste a terra que fecha a cova. Ainda hoje na África os Amazulos dizem, distinguindo as almas dos finados e dos recentemente falecidos, que as dos finados são almas inteiramente mortas.

O amor e o respeito pe'lo cadáver, como coisa humana, não existiu nos tempos primitivos. Se vemos nos livros eranos a prescrição de não enterrar os cadáveres, mas expô-los sôbre logares altos fora do alcance das feras da terra, ao sol, o motivo é a crença de que ele ainda sofre e a de que o seu espirito há de voltar, para o quê é preciso encontrar o corpo intacto. Esta mesma cren-

ça e êste mesmo receio levaram outros povos a amontoarem grandes porções de pedras sôbre a cova, e cercarem-na de plantas espinhosas. Assim existe ainda na América central a prática de lançar sôbre o jazigo do morto de consideração torrões de terra e pedras ; como vemos na Alemanha e aqui em Lisboa no cemiterio alemão, antes de fechar-se a cova, lançarem, os que até lá acompanham o morto, torrões de terra que apanham à beira da sepultura dele.

Estas crenças, estas fórmulas e estas práticas são exemplos do que hoje se chama *animismo*.

O animismo é a fase da intelligencia durante a cual o homem, desde o seu mais rudimentar estado social, acredita em espiritos que enchem a terra e os ares e percorrem em liberdade os espaços, o rodeiam, o surpreendem, o tiranizam, o protejem, veem para ele espontaneamente ou por avocação, fojem dele por exconjuo. Ele mesmo anda, luta, caça, pesca, pratica conscientemente todos os actos da vida, porque tem em si o proprio espirito ; e dorme porque esse espirito o abandona durante certo tempo. O animismo emfim é o estado de intelligencia em que o homem julga o seu ser uma dualidade, tendo aptidão de passar duma existencia a outra, da cual tem uma prova, nos sonhos em que ele comunica com os duplos dos seus parentes e dos seus companheiros, ou se sobressalta, irrita, surpreendido pe'los dos seus inimigos ; é o estado em

que ele vê, goza, receia, prossegue outras rejiões, outros prazeres, outros danos, outros intuitos diferentes dos da vida dêste mundo.

Êste facto psicológico não é ainda verdadeiramente um facto social. Explica-se sem intervenção da sociabilidade; um grande filósofo explica-o simplesmente pe'las leis fisiológicas da dijestão. O homem primitivo, sujeito a grandes fomes e a repleções brutais de efeitos mais terríveis do que os da embriaguez alcoólica, tem naturalmente as suas horas de sono sem o repouso do organismo, excitado pe'la debilidade ou pe'la superabundancia. Daqui resulta a constancia dos sonhos, fenómeno que ele desconhece, mas de cuja realidade não duvida. Assim, o animismo, segundo aquele filósofo, é, por fim, a influencia do sonho na explicação dos fenómenos do mundo. Cada ser tem o seu duplo. O sono é efeito da ausencia periódica do duplo; a morte é efeito da ausencia, para sempre, do duplo.

Estes duplos, a que podemos chamar espiritos, podem ser avocados, ou exconjurados por efeito de práticas májicas; podem vir temporariamente e ainda dum modo permanente entrar dentro dum corpo vivo ou inerte e inorgânico. Êste corpo ou objecto fica dotado de poder superior: serve de protecção a um individuo ou a individuos em comum. O animismo nestas condições é uma evolução superior — tem em si o elemento sociabilidade: é a expressão



de um facto experimental repetido, comparado, idénticamente explicado, assentado como verdadeiro, ampliado; serve de nucleo a uma crença comum. Esta evolução é o feiticismo, fase já teológica derivada do espiritismo elementar, e durante a qual o homem attribui almas ou espiritos ou duplos a todo ser.

Esta evolução dá-se quando o homem começa a querer explicar os fenómenos do mundo exterior. O único meio que tem é o que a sua curta experiencia lhe dá. Inferre de si para o que não é ele e attribui a tudo, que lhe é exterior, fenómenos da mesma categoria dos fenómenos proprios dele. Daqui resulta crer que a materia tem toda igual existencia, diferente, apenas, na intensidade das manifestações da vida, pelo movimento. O mundo cósmico é para ele um mundo animado.

Considerando todos os objectos como seres animados, e com vontade propria, e vendo mais que alguns podem produzir acções de que ele é incapaz, ou attribuindo essas acções a certos seres, o homem primitivo, antes de adorar, teme. Porque ele não conhece senão poderes desiguais, que explica pe'los seus. Esses poderes não os concebe como sôbrenaturais; e a adoração implica idéa de um ser de condições diferentes das conhecidas no mundo dos homens. Os espiritos mais poderosos que o homem animista reconhece como superioridades, são espiritos doutros homens elevados a sôbre-

humanos mas não ainda supra-sensíveis, nem sôbrenaturais; são *espíritos materiais*. O homem animista não distingue entre matéria e o que se entende no sentido abstracto por espírito, ou ainda por fôrça. Ele só vê e sente-se sob a influencia do que designamos por capricho. Quando, mais tarde, o homem separa o fenómeno da cousa em que êste se manifesta, concebe-o como dependente de poderes invisíveis.

A concepção animista tem influencia poderosíssima no futuro, por efeito da reacção da linguagem sôbre o pensamento. A linguagem reflecte todo o mundo exterior pe'la realidade material que assina a cada fenómeno. As expressões do pensamento parecem metafóricas mas são literais. No ponto de transição em que se começa a separar o fenómeno da cousa em que ele se dá, e em que os poderes de sôbrehumanos tendem a passar a sôbrenaturais, a expressão do pensamento é flutuante, metafórica, porque as concepções são inconsistentes, incoerentes.

Por isto as religiões nas cuais impera o animismo são um conjunto confuso, de doutrinas indecisas, e dum polidemonismo sem ordem, sem categoria; mas em que, pe'la maior e mais constante consideração dada a um espírito, não se exclui a crença num espírito mais potente, mais temível. A relação entre o homem e os poderes sôbrehumanos tem a sua manifestação cultual nas incantações, nos exconjuros, cujo fim principal é

estorvar a influencia receada, temida. Por isso mesmo que reconhece superioridades, o homem prostra-se humilde por astucia ou por terror, quando não consegue vencer o estôrvo, aplacar a cólera, abrandar a ira. Assim naturalmente ao exconjuo, à prática májica succede a imploração da benevolencia, e a oferta do que o homem mais aprecia para cativar a estima.

Mas entre os espíritos há espíritos maus e bons, opostos mutuamente e em luta. Esta concepção é lójica, não só porque é uma representação do que se passa nas condições humanas sôbre a terra; mas porque os espíritos proprios duma familia, duma tribu, que lhe são benévolos protegendo-a, são alheios a outra familia, a outra tribu a que são hostis.

Assim os espíritos e os seus invocadores teem interêsses mutuos.

Cuanto mais receber um espirito, tanto maior será o seu valor; quanto mais ele fizer a favor de quem o invoca, tanto maior será o seu prestijio, e tanto mais crescerá o número dos que o invoquem, o louvem e lhe ofertem oblações. Tal é a orijem da necromancia, da majia, do hino laudatorio, da invocação,— que mais tarde será oração,— e a orijem do sacrificio.

Esta mutua dependencia leva o homem a estabelecer *contrato*, e ao desejo de requerer, avocar, chamar a seu favor os espíritos maus. De facto ele começou por querer afastar os espíritos que o danificavam, ou



podiam danificar ; depois considerou a sua majia eficaz e presos a si um ou mais espiritos. O processo continua-se, pois, avocando o homem os espiritos estranhos, que exconjura quando mais os receia, e pedindo o auxilio dos que lhe são propicios. A pouco e pouco os maus espiritos recebem mais do que os bons, e os inferiores (segundo a concepção de contrato porque tivessem recebido menos) vão a pouco e pouco ascendendo e tornando-se superiores; os espiritos particulares vão sendo substituidos e os antigos tornando-se mais jerais, mais afastados. Assim a pouco e pouco se vai transformando cada morto mais respeitado, cada heroi — e heroi é morto —, cada um dos demonios — e heroi é demonio —, em deus. Êste processo leva a uma certa abstracção que conduz ao politeísmo. Todos sabemos o que são as canoizações, assim as que em tempo competiam ao Oráculo de Delfos.

No modo de conciliar os espiritos não intervém senão o fgoísmo, isto é não intervém a moral, não há pe'lo menos dependencia, para a efectividade, nem de boas nem de más acções dos homens. Há unicamente dependencia da oferta, do dom que se deseja, da prática adecuada, do número de ofertas, da occasião de as fazer, do lugar, de tudo emfim quanto é material no culto.

A fé é a confiança na prática rigorosa do sacrificio a que o poder superior ao homem, a divindade, o *deus* podemos dizer já, há de responder e satisfazer. A fôrça de

se persuadir de que à perfeição ritualística deve a obtenção dos bens que deseja, o Hindu, que considerava os deuses como sacrificadores, e os fenómenos naturais e a ordem cosmogónica dependentes da ordem litúrgica, da exacta prática do sacrificio, e julgava o sacrificio a imitação, a representação real dos fenómenos celestes —, o Hindu, chegou a capacitar-se de que por meio de penitencias austeras, continuas e sem discrepância nenhuma, podia não só obrigar o deus a satisfazer-lhe o seu desejo, mas até ir ele proprio occupar o logar da divindade.

Duas palavras há em sâmscrito que dão testemunho destas concepções *śra ddhā* «confiança» sem a qual não há aceitação da oferta, nem da súplica, e por consequencia não há satisfação de fim; *tapas* «calor, ardor, fervor» intensidade, persistencia na mortificação, na austeridade; e no Atharvaveda, veda cuási exclusivamente dos exconjurios, da majia, da necromancia hindu, êste vocábulo tomou a accepção de mortificação.



Durante o período do feiticismo, cada acto da vida humana tem seu aspecto religioso e exige, portanto, que cada homem pratique as cerimoniaes do culto que o põe em relação directa com os deuses, accessiveis, sem necessidade de intermedio. Mas ao passo que o objecto inanimado é separado dum



suposto poder que o reje, os deuses deixando de ser palpáveis, visíveis, tornam-se supra-sensíveis como já o dissemos, e desde tal momento psicológico compreende-se, que não estando o homem em contacto com a divindade, necessita dum intermedio. Desenvolve-se então o sacerdocio, e com êste começa a verdadeira, a segura influencia social. A morfologia religiosa apresenta cada vez mais pronunciado o carácter politeísta, o qual consiste em terem os deuses logar indeterminado e remoto, e terem-se tornado mais jerais, abstractos alguns. O sacerdocio une por laço comum os homens até então levados por seu mótu-proprio. Dêstes factos resulta a consolidação, a estabilidade, a fôrça disciplinar, pe'la regularização, pe'la converjencia da acção. Aproveitam-se todos os rudimentos de civilização elevando-os até a altura de verdadeiras instituições: a vida agrícola, a propriedade, a familia, sem as cuais não pode constituir-se uma sociedade em corpo político, única sociedade humana durável. As opiniões religiosas acendram-se, o corpo sacerdotal (qualquer que seja a forma pe'la cual posteriormente se apresente: casta, ou teocracia, ou colejio sacerdotal, depositarios dos poderes divinos) constitui-se guarda de opiniões que o vulgo deturparia; a metafísica começa a servir a teología, que fica, durante o período verdadeiramente religioso, um privilejio dos doutos, se não doutrina totalmente esotérica, ao lado da doutrina de teoria popular.



Assim para exemplo do que afirmamos na jeneralidade damos a teoria da immortalidade da alma, e a teoria da retribuição dos castigos e das penas. A orijem da primeira é a concepção de continuidade, porque o espirito tem vida noutro lugar como a teve sôbre a terra, e pode vir buscar o corpo que nela deixou (teoria da ressurreição). Para que êste então ressuscite é necessario que esteja completo, que não se tenha decomposto, que se conserve com todo cuidado. Os Ejipticos embalsamavam os cadáveres ; e as mumias esperavam os seus espiritos. A orijem da teoria da retribuição está na introdução do elemento moral na devoção.

Êste elemento só póde existir depois do período em que as obras, materialmente falando, do culto, perfeitas, rigorosas davam certeza da obtenção do bem pedido, ou o afastamento do mal exconjurado. Prova desta successão é a diferença entre o naturalismo védico, onde o elemento moral despontou, mas não se radicou em o brahmanismo, e o mazdaísmo onde o elemento moral se radicou: entre os brâhmanes o fiel é o cumpridor dos ritos, imajem da ordem cosmogónica ; entre os zoroastreus, o fiel não se importa com a ordem cosmogónica mas com a prática moral, com a observação que lhe impõe o nomismo da sua religião. Para êste desenvolvimento foi necessario grande trabalho intellectual, de séculos, sôbre a base ruda das idades passadas. E no Ejipto, país de que

melhor conhecemos a diferença entre a doutrina popular e a de verdadeiros doutores em teologia, quando depois da unidade do poder político a partir de tão remotas eras se assentou a unidade de concepção religiosa, ao lado do politeísmo popular existia o monoteísmo e a trindade dos colejos sacerdotais. Sem que tivesse renunciado ao Deus de Abrahão, Labão consultava e seguia os oráculos dos terafins, dos deuses penates, cuja influencia se conservou até o reinado de Josias, que os proscreeu.

A historia ensina que, para se unificarem os mitos, é precisa a força política duma unidade nacional, e que, só depois desta modificação, é possível a redução ao monoteísmo: assim aconteceu no Egipto quando se submeteu ao poder de um só o sistema quasi feudal; assim aconteceu com os Hebreus, cujo monoteísmo definitivo só ficou assentado com o estabelecimento da centralização política nas épocas de David e de Salomão. Entre os povos áricos, que todavia chegaram à concepção de um deus supremo, as tendencias predominantes são politeísticas.

**O Animismo entre os Chineses**

## 1.º

## Influencia politica na evolução chinesa

Nas religiões cuja historia vamos estudar resumidamente antes de entrarmos no estudo mais demorado das religiões dos Eranios e dos Hindus, nota-se que a unidade do culto e a forma monoteística apparecem por efeito da unidade politica. Nota-se mais que a concepção de um deus supremo ou antes superior, sem a qual não pode chegar-se ao monoteísmo é resultado da concepção feiticista, em que o ceu ou o sol são considerados poderes superiores.

Se depois desta evolução, e quando já se tenha dado à religião a tendencia morfológica pronunciada politeística, a unidade politica se realiza, o monoteísmo mais ou menos caracterizado ou contrabalançado por um certo demonismo é a evolução a que se



chega imediatamente (Egipto, Assiria-Babilonia, Persia). Se a unidade politica não se realiza, não se dá a evolução monoteística (India), e esse deus supremo cuási desaparece; a religião torna-se incoerente por falta de consistencia politico-social e por diluição da metafísica que se desenvolve. Se a unidade politica se realiza, quando morfológicamente a religião não tenha caracteres politeísticos, embora tivesse brotado a concepção de um deus superior, a religião fica morfológicamente feiticista (China); ainda mesmo que a metafísica e a administração se desenvolvessem até o ponto de assestarem,— por um lado o nomismo de doutrinas tais as confucianas e taoísticas, e por outro lado a teocracia e despotismo poderosamente absorventes do celeste imperio.

É pois de interêsse para o estudo da evolução religiosa das raças, cujas civilizações mais interessam as orijens da nossa, exemplificar o animismo no seu período mais remoto, o estadio feiticista acima do qual a grande civilização da raça amarela não pôde chegar, envolta na rede administrativa da sua esmagadora unidade politica antes de os Chins haverem chegado ao politeísmo.



A doutrina da sobrevivencia dos espiritos era, na raça amarela que povoava os estados governados por um chefe denominado *pastor*, vassalo que obedecia ao suzerano, e

reunidos sob a suzerania dos *Chaus* no século XII antes de Cristo, a mesma que ainda hoje encontramos em raças selvagens, e igualmente encontramos ainda hoje em toda a raça mongoloide, como diremos a seu tempo.

Pouco antes de Confucio, os doutos começaram a duvidar de tal sobrevivencia. Mas Confucio é o proprio que à pergunta a este respeito responde: «Se não sois aptos para servirdes os homens, como quereis ser aptos para servirdes os seus espiritos?» «Se não conheceis o que é a vida, como quereis saber da morte?» *Lun-Iu* XI, 11. Acima dos espiritos — *xin*, celestes, terrestres e humanos, estava o Ceu — *Thian*, o regulador, governador, imperador — *ti*, supremo — *xam*, augusto — *huam*, compassivo — *min*.

Com a dependencia tendente à unidade dada já no século XII por *Chau*, a relijião do antigo imperio chinês, adquire por certo regularidade; mas a despeito do *Chau-li* livro em que *Chau-kum* irmão do fundador da dinastia *Chau* reuniu a doutrina politico-relijiosa do imperio e estabeleceu nova ordem de coisas, as crenças populares persistiram e acharam, séculos mais tarde, se não um repositório, um apoio na especulação mística e na vida contemplativa das doutrinas de Laucio.

No século VI Confucio concorre ainda para a unificação da relijião. Mas este descendente dos *Chaus* não conseguiu vencer a persistencia dos *tao-sse* sectarios do ani-



mismo; opunham eles, aos trabalhos escritos de Confucio, o *Tao-te-kim* escrito pe'lo místico Laucio. O seu século era além disto improprio para se realizar a unidade politica, porque as invasões do norte e as rivalidades internas dos estados pastorais suzeránicos traziam as convulsões proprias da preparação e época transitoria.

No IV século apressa-se a queda da dinastia *Chau*.

As antigas doutrinas e outras novas apparecem em campo. As lutas ferem-se tremendas. E a doutrina de Confucio ficaria de todo extincta se um grande homem, o célebre Mencio, não ensinasse doutrina essencialmente humana, moral e superior no ponto de vista político.

Ao seu triumpho contra os adversarios de Confucio, a quem ele chamava o maior dos homens, se deve não ter desaparecido o confucianismo, sôbretudo depois das violentas perseguições dos fins do século III e da grande protecção dada às doutrinas de Laucio, no século II, pe'la dinastia *Han*.

As perseguições do século III (213 antes de Cristo) foram principalmente contra os sabios e contra os partidarios de Confucio. O perseguidor foi o homónimo do mítico *Hoam-ti* objecto da veneração dos *tao-sse* ou taoístas. O confucianismo correu tanto maior risco de ser eliminado quanto a consolidação dada à forma politica-foi proficua, pois que se fundou pe'la primeira vez o imperio. *Chim*, senhor do feudo de *Ts'in* desde



o ano 245 antes da nossa era, bateu um a um os seus sete rivais, suzeránicos dos *Chaus*, apossou-se das suas terras e finalmente, destituíndo do poder o último príncipe da dinastia *Chau*, subiu ao trono imperial da China, com o nome de *Xi hoam-ti* no ano 220. Foi êste o primeiro imperador, a ele se deve a centralização depois da destruição do sistema pastoral suzeránico. Foi ele que levantou a muralha com que circumdou a China para a livrar das invasões do norte: inutilidade de mais de 500 leguas de pedra, que nenhum exército podia guardar; mas testemunho da poderosíssima vontade dêsse déspota, senhor absoluto que comandava um exército de muitos centos de mil homens, violento, e cujas acções eram determinadas pe'las mais explosivas paixões.

Vencidos os seus inimigos, rivais pe'las armas, restava-lhe aniquilar os inimigos que o embaraçavam pe'las idéas. Religião e política na China são sinónimos; sinónimos porém sem distincção possível, quando os sectarios são discípulos da doutrina prègada por um descendente dos *Chaus*. A religião neste caso podia dar fôrça a um partido acentuadamente político. No ano 212, *Xi-Hoam-ti* persegue os confucianos, em 213 ordena se queimem todos os livros, excepto o *li-kin*, livro májico de adivinhar cujo título significa «livro das transmutações», e os livros que estavam a cargo da corporação administrativa dos grandes sabios. Chega no ano seguinte a fazer enterrar vivos

460 escolares, e a expatriar outros de que suspeitava, incluindo seu proprio filho que o aconselhava à tolerancia. Mas o curto espaço de três anos que o imperio dêste déspota ainda continuou, a opposição tenaz dos confucianos e o ter-se descoberto o papel, em tempo dêste imperador, desviaram inteiramente o curso dos acontecimentos.

Do ano 209 até depois de 201 antes da nossa era, doutrinas opostas, e entre ellas a de pessimismo e a de amor universal, foram dividindo cada vez mais as intelligen-  
cias.

Neste ano de 201 a dinastia *Han* succede à dinastia *Ts'in*. Esta dinastia prote-  
geu os literatos, os sabios, sem exceptuar os sectarios das doutrinas de Laucio; instituiu um corpo conservador dos manus-  
critos, e uma especie de tribunal literario onde alguns dos imperadores da casa de *Han* deram conta de estudos proprios, e sustentaram discussões.

Foi por esta forma que as duas doutri-  
nas rivais, a de Confucio e a de Laucio, puderam desenvolver-se a par uma da outra, e tomar ambas carácter nacional de ordem tal que, quando o sistema pasto-  
ral suzeránico ficou completamente substi-  
tuído por outro definitivamente aceito pe'la nação, nenhuma dessas doutrinas pôde ir além do nomismo e tornar-se religião uni-  
versal.

A despeito de toda a antiguidade da civi-  
lização chinesa, é pois certo que a centrali-



zação se fez tarde. O sistema pastoral-suzeránico em compensação de graves defeitos teve a vantagem de deixar a liberdade de acção aos sabios, cuja personalidade actuou sôbre as inteliências. O primeiro impulso dado por *Chau kum* no século XII antes do desenvolvimento de mitolójia regular politeística, cortou logo a possibilidade de constituição dum corpo sacerdotal e fixou pe'lo passado todo o movimento futuro.

A relijião estava na mão dos guerreiros e nas do povo, cuja instrução, embora regulada e inalterável, foi sempre desde remotas eras aconselhada, protegida, e vulgarizada. Confucio era um descendente dos *Chaus*. As lutas continuaram entre os guerreiros para a centralização política, favorecendo uns a crença dos sabios outros a do povo. As familias sacerdotais não se formaram pois; não houve corpo, nem colejio, nem casta sacerdotal, depositarios dos arcanos e dos poderes divinos, de que só esse corpo, esse colejio, essa casta dispusesse, por conhecê-los, e de que só ensinasse mais ou menos esotéricamente a parte que lhe conviesse.

As vicissitudes político-relijiosas continuaram sem interêsse social. A pressão da administração chinesa regulada pe'lo *Chau-li* habituou o povo ao despotismo patriarcal dos pastores-suzeránicos e do suzerano; envolveu, enredou, prendeu a inteliência do Chinês e tornou-o incapaz de tudo que não fôsse obedecer ao poder de cuja direcção



tudo esperava. Ficou inapto para ver o que depende da actividade propria, e adstricto à praxe regulamentar das minuciosidades mais insignificantes e absurdas.

Os grandes sabios chineses foram nos tempos antigos: Laucio (604-523), Confucio (551-478) e Mencio (371-288), cujos nomes são em chinês respectivamente *Lao-tce*, *K'um fu-tce*, *Mem-tce*. O maior foi Mencio. Foi o São Paulo do Confucianismo, não porque ele, como o Apóstolo, de perseguidor se tornasse apolojista e prégador, mas porque teve as condições de superioridade para testemunhar a grandeza duma doutrina que prosperou pe'lo vigor da sua dialéctica, pe'la vivacidade do seu espirito, pe'lo arrôjo da sua corajem, pe'la segurança da sua independencia. A despeito desta superioridade, Mencio, como São Paulo, foi cuási esquecido.

As verdadeiras superioridades não são reconhecidas senão pe'las minorias que não se deixam levar pe'lo sentimento — e a base da relijião é o sentimento.

Confucio foi venerado culturalmente bem como o lejislador *Chau*, desde o ano 57 da nossa era; e mais tarde, desde o comêço do VII século, Confucio exclusivamente, até pe'los proprios imperadores, e respeitado pe'los heterodoxos; mas já no V século antes de Cristo, logo depois da sua morte, o príncipe de Lu mandou levantar-lhe um templo e prestar-lhe culto, que, sem que fôsse reconhecido pe'lo govêrno, teve grande aceitação.

Estes factos provam quanto a evolução religiosa depende da evolução política. Podemos resumir-los numa frase : O começo de unidade política antes do desenvolvimento de mitologia politeística deteve o Chinês no período feiticista.

Para dizermos o que era tal feiticismo, digamos primeiro dos livros que o patenteiam.

2.º

A literatura chinesa antiga

A literatura chinesa antiga, é em livro, a mais antiga literatura que se conhece. O seu carácter é histórico. O seu primeiro livro é o livro, o código dos *Chaus*, o *Chau-li* redijido por *Chau-kum*, como fica dito, no XII século antes de Cristo. A experiência administrativa e de política patriarcal que êste livro revela, demonstra que durante muitos séculos já anteriormente, os estados reunidos sob o poder suzerânico dos *Chaus* eram governados por sistema politico religioso complicado, e duma organização minuciosa tendente à mais absoluta atrofia da individualidade.

Foi sobre êste código que Confucio fundou o seu naturalismo ético, desprendendo-se quanto pôde de toda idéa religiosa. Foi no ponto de vista dêste desprendimento que Mencio prosseguiu, ampliando a moral

do Mestre e tomando-a sempre por base e a ele para exemplo.

A obra de Confucio e de seus discípulos tem o carácter de combate, como hoje se diz. O seu fim foi realizar um ideal de harmonia invariável para todo sempre, modelando todo o futuro no passado. A obra de Mencio tem o intuito do bem público, como em frase moderna disse dessa obra Abel Rémusat. Assim Confucio estudou os livros antigos e deu suma dalguns, colijiu hinos ou odes de remotas eras que andavam anónimos, modificou e elucidou rituais, escreveu uma crónica e ensinou oralmente doutrina colhida e repositada por discípulos seus e discípulos dêstes. Mencio não cuidou de reunir a favor da sua doutrina literatura de nenhuma ordem. Sem desdenhar da austeridade do Mestre ele também era grave, mas irónico ao mesmo tempo. Na dialéctica usava não contestar as opiniões contrarias. Partia delas para tirar consequencias absurdas com que esmagava os adversarios. Os príncipes, os grandes, como as classes inferiores, sentiam a dignidade das palavras daquele Diógenes, mais cortante e mais temido quanto mais composto, retalhá-los com aguçado fio e certo golpe.

A literatura colijida e modificada por Confucio e a orijinal de ele mesmo (se a houve) e a doutrinaria de Mencio foram reunidas em duas ordens de livros: *canónicos* e *clássicos*. Os canónicos são os 5 textos denominados



*Kim*, i. e. «o fio que serve para urdir a teia, e a sua urdidura,» e no sentido figurado «o que é regular e assegura a regularidade» e com referencia a livros expressa o vocábulo a «autoridade» dessa doutrina sôbre o assunto de que tratam. Os clássicos são simplesmente denominados *xu* «escritos».

São *kim*: — o *Ii(-kim)* «livro das transmutações»; o *Xu(-kim)* «o livro dos documentos históricos»; o *Xi(kim)* «livro da poesia»; o *Li Ki* «Repositorio ou Memorial dos ritos»; *Ch'un Ts'in* «Primavera e Outono» crónica de acontecimentos históricos, sem carácter religioso, escrita pe'lo proprio Confucio, tirada de documentos anteriores, e abranjendo os anos de 721 até 480 antes de Cristo, segundo Legge. Dos outros livros canónicos nenhum é devido ao Mestre senão o *Ii*, onde se lêem dele adiçõs em forma de apêndices, diz Legge. Mas Richthofen combate a opinião dêste sinólogo, e atribui o *Xu-kim* a Confucio embora tendo por base documentos existentes nos arquivos dos *Chaus*. O mesmo *Li Ki* cuja base é o *Chau-li*, tem partes novas, algumas devidas, segundo opinam certos autores, a Confucio, outras posteriores. O *Xi-kim*, onde Confucio reuniu com outras poesias hinos, odes anónimas que eram poesia antiga de mais de 12 séculos antes do seu collector, foi, se não alterado d'acordo com as doutrinas do Mestre, rejeitando êste algumas estancias e quanto havia já mitolójico, pe'lo menos reunido, segundo sua escolha.

É este *kim* o que mais nos interessa para conhecermos o estado animista em que se conservaram os Chineses, à parte alguns letrados. Ainda hoje são populares alguns destes cantos, destes pequenos poemas. Os doutos sabem de cor as poesias mais célebres nele contidas, e na literatura moderna, qualquer que seja o seu género, encontram-se citações destes cantos, alguns dos cuais datam hoje cerca de 37 seculos, e os mais modernos teem de 2400 a 2500 anos.

Os livros clássicos ou *Xu* são: — 1.º os *Lun-Iu* ou *analecta philosophica confuciana*, onde, sem a arte grega, os discípulos do Mestre dão conta das conversações doutrinarias de Confucio, como nos diálogos de Platão e nas *Memorabilia* e *Apologia* por Xenophonte se lêem as de Sócrates; 2.º o *Ta-Hio* ou «Grande estudo», jeralmente atribuído a *Tsem-Sin* discípulo de Confucio; 3.º o *Chum Ium* ou «Doutrina do meio» que se julga ser de *K'um-kei* neto do Mestre e também chamado como este Mestre *K'um*, *K'um-tce*. A estes três livros juntaram-se mais tarde as obras de Mencio, as cuais formam o 4.º *Xu*.

Fora desta classificação existe ainda um livro antigo de carácter particular, e atribuído a Laucio. É o *Tao te-kim* «livro do tao e do te i. e. tao, logos, razão primaria, segundo Abel Rémusat: tao, via, a grande via segundo Stanislas Julien; tao, a altíssima sublimidade, o grande todo segundo von Plänckner; te virtude. Eu direi,



porém, por me parecer que em todas estas explicações há o modo particular, inteiramente subjectivo de cada um destes sinólogos, que *tao, te* são dois termos metafísicos que devemos traduzir, sem os complicarmos com outra metafísica, *innominabilis causa et virtus*<sup>1</sup>.

Diz a tradução de Abel Rémusat: «Avant le chaos qui a précédé la naissance du ciel et de la terre, un seul être existait, immense et silencieux, immuable et toujours agissant sans jamais s'altérer. On peut le regarder comme la mère de l'univers. J'ignore son nom, mais je le désigne par le mot *raison*.

Forcé de lui donner un nom, je l'appelle *grandeur, progression, éloignement, opposition*. Il y a dans le monde quatre grandeurs: celle de la raison, celle du ciel, celle de la terre, celle du roi, qui est aussi une des quatre. L'homme a son type et son modèle dans la terre, la terre dans le ciel, le ciel dans la raison, la raison en elle même.»

<sup>1</sup> Roberto Douglas no seu livro «Confucianism and Taouism» escreve a páj. 189: . . . we find that in the *Taou-tih-king* Laou-tsze has elaborated his idea of the relations existing between the Universe and that which he calls *Taou*. The primary meaning of this name of a thing which he declares to be «without name», is «The Way»; hence it has acquired the symbolical meanings of «the right course of conduct», «reason», and it also signifies «the Word» (Logos).



Stanislas Julien traduziu doutro modo:

« Il est un être confus qui existait avant le ciel et la terre.

O qu'il est calme ! o qu'il est immatériel !

Il subsiste seul et ne change point.

Il circule partout et ne periclite point.

Il peut être regardé comme la mère de l'univers.

Moi, je ne sais pas son nom.

Pour lui donner un titre je l'appelle (tao)

*Voie.*

En m'efforçant de lui faire un nom, je l'appelle *grand*.

De *grand*, je l'appelle *fugace*.

De *fugace*, je l'appelle *éloigné*.

D'*éloigné*, je l'appelle (*l'être*) *qui revient*.

C'est pourquoi le Tao est *grand*, le ciel est *grand*, la terre est *grande*, le roi aussi est *grand*.

Dans le monde, il y a quatre grandes choses, et le roi en est une.

L'homme imite la terre; la terre imite le ciel; le ciel imite le Tao; le Tao imite sa nature.»

Reinhold von Plänckner traduziu :

« Es existirt ein das All erfüllendes, durchaus vollkommenes Wesen, das früher war denn der Himmel und die Erde. Es existirt da in erhabener Stille, es ist ewig und unveränderlich, und ohne Anstoss dringt es überall hin, überall da.

Man möchte es als den Schöpfer des Welt ansehen. Seinen Namen weiss ich nicht, ich

nenne es am liebsten das Tao; soll ich diesem eine bezeichnende Eigenschaft beilegen, so würde es die der höchsten Erhabenheit sein.

Ja, erhaben ist das Wesen, um das sich das All und Alles im All bewegt, als solches muss es ewig sein, und wie es ewig ist, ist es folglich auch allgegenwärtig.

Ja, das Tao ist erhaben, erhaben ist auch der Himmel, erhaben die Erde, erhaben ist auch das Ideal des Menschen. So sind denn vier erhabene Wesen im Universum, und das Ideal des Menschen ist ohne Zweifel eins derselben.

Denn der Mensch stammt von der Erde, die Erde stammt vom Himmel, der Himmel stammt vom Tao. Und das Tao stammt ohne Frag allein aus sich selbst.»

Trasladada a portuguezês diz esta versão :

«Antes do ceu e da terra existia um ser penetrando tudo, e totalmente perfeito. Existia numa sublime tranquilidade. É eterno e imutavel, sem que nada o toque ele penetra por toda parte.

Pode-se considerar como o autor do mundo. O seu nome não o sei eu, mas qui-sera chamar-lhe Tao; e a atribuir-lhe uma designada propriedade, seria a de altissima sublimidade.

Decerto! sublime é o ser, que à roda de si faz mover tudo, e todos, em tudo, que como tal deve ser eterno, e como eterno é por consecuencia omnipresente.

Decerto! o Tao é sublime; sublime é também o Ceu; sublime é a Terra; e sublime é também o ideal dos homens. Assim há pois quatro seres sublimes no Universo, e o ideal dos homens é sem dúvida um destes.

Porque o homem provém da Terra, a Terra provém do Ceu, o Ceu provém do Tao. Só o Tao provém, não há que duvidar, de si proprio.»

Pauthier trasladou do seguinte modo:

«Les êtres aux formes corporelles ont été formés de la matière première confuse.

Avant l'existence du ciel et de la terre;

Cen'était qu'un silence immense, un vide incommensurable et sans formes perceptibles.

Seul il existait infini, immuable;

Il circulait dans l'espace illimité sans éprouver aucune altération.

On peut le considérer comme la mère de l'univers;

Moi j'ignore son nom, mais je le désigne par la dénomination de *Tao*, Raison universelle suprême.

Forcé de lui faire un nom (je le désigne par ses attributs, et) je le dis *grand*, élevé;

Étant (reconnu) grand, élevé, je le nomme s'étendant au loin;

Étant (reconnu) étendu au loin, je le nomme éloigné, infini;

Étant (reconnu) éloigné, infini, je le nomme ce qui est opposé à moi...

L'homme a sa loi dans la terre;

La terre a sa loi dans le ciel;



Le ciel a sa loi dans le *Tao*, ou la Raison universelle suprême ;

La Raison universelle suprême a sa loi en elle-même.»

Na versão de John Chalmers lê-se :

«There was something chaotic in nature which existed before Heaven and Earth. It was still. It was void. It stood alone and was not changed. It pervaded everywhere and was not endangered. It may be regarded as the Mother of the Universe.—I know not its name, but give it the title of Tau. If I am forced to make a name for it, I say it is *Great*; being great, I say that it *passes away*; passing away, I say that it is *far off*; being far off, I say that it *returns*.

Now Tau is great; Heaven is great; Earth is great; a king is great. In the universe there are four greatnesses, and a king is one of them. Man takes his law from the Earth; the Earth takes its law from Heaven; Heaven takes its law from Tau; and Tau takes its law from what is in itself.»

Dêste trecho, à parte o modo particular de tradução, vê-se que Laucio distinguia entre o *Tao* inominato e inominável, como hoje se distingue o incognoscível, e o *Tao* a que se pode dar um nome ao qual referia a origem de todas as cousas.

A estas *innominabilis causa et virtus*, deve-se a suprema adoração. O *Tao* é o fim do sabio; a sua posse realiza-se pe'la absor-

ção a que leva a meditação continua até o homem abstrair de tudo quanto lhe é exterior e de si proprio no mais completo quietismo e absoluta insensibilidade.

Este misticismo doentio era contrabalançado por doutrina moral pura, duma certa elevação. Mas o desarranjo mental efeito das mortificações, dos jejuns, das vijilias, das orações continuas, faz esquecer, senão detestar, tudo quanto é civilização, quanto é humano. E fora do homem e das suas mutuas relações não há moral efectiva. Por tal caminho chega-se ou à imbecilidade completa ou ao egoísmo estulto de um desejo vehemente de immortalidade, para cuja obtenção não há fórmula májica repelente, nem processo torpe que a loucura não afigure desejável, apetecível, digno de praticar-se, proprio, santo.

O misticismo e a metafisica proveem de muitas causas. Mas uma das principais é o sofisma inconsciente na explicação dos fenómenos morais, que se dão em sociedade. É o sofisma inconsciente que se apodera da intelijencia de Laucio na primeira metade do VI século antes da nossa era, e da intelijencia do fundador do Budismo na India talvez pe'lo mesmo tempo.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Não podemos ainda dizer com segurança qual o século em que Buda viveu. No Manual de Tiele, nova edição (1885), a páj. 188 lê-se : Les inscriptions d'Açoka nouvellement découvertes fixent la date du Nirvâna entre 482 et 472 av. J.-C. Voyez Barth. *Religions de l'Inde*, p. 65.



Havia então, no mundo, grande avidez de especulação mental; mas onde a ciencia, acima duns rudimentos de mathematica pura e de algumas observações as-

O livro de Barth, aqui citado é de 1879. A esse tempo escrevia Barth (loco citato): C'est la première date que nous rencontrons dans l'histoire de l'Inde.

Na ed. inglesa do mesmo livro (1882), consideravelmente aumentada pe'lo autor e mais enriquecida de notas, confirma Barth páj. 106-107 o que dissera na ed. franceza.

Porém ainda não podemos dizer que tenhamos uma data certa na cronolójia da história antiga da India. O número que se leu nas inscrições de Axoca não é uma data; é enumeração de monjes, de missionarios. Deve-se esta rectificação a Oldenberg e a Senart, que a fizeram por trabalho independente um do outro. V. Journal Asiatique, 1884. III, 463-70. IV, 48. O proprio Oldenberg tinha dito no seu livro (trad. ingl. de W. Hoey; páj. 196) «Buddha, his life, his doctrine, his order» em 1887: The year of his death is one of the most firmly fixed dates in ancient Indian history.

Mas a *data fixa* não era *data*; e voltámos à completa ignorancia a respeito do século (quanto mais do ano!) da morte de Buda e por consequencia (visto ser o único elemento para o cálculo) do nascimento, da existencia de Buda. Emfim!... é melhor saber-se que se ignora, que julgar-se que se sabe e ignorar-se! «C'est surtout en histoire que le progrès de la science consiste souvent à rétablir l'ignorance là ou l'on croyait savoir.» James Darmesteter, in Rap. annuel. 1884. J. Asiatique.

Se ignoramos cual o século em que Buda, Gotama (ou quem maior impulso deu às doutrinas búdicas) viveu, é certo porém, que todos os dados concorrem para assentar que a doutrina existia já no VI século a. de Cristo.



tronómicas, não tinha chegado, a especulação mental não pôde ir além dum pessimismo doloroso envolto com *um* amor universal, inactivo e estéril para remediar os males que afligem a humanidade. A avidez da especulação chegou à Grecia; mas aí os rudimentos de ciencia, que lhe tinham advindo de Babilonia e do Ejipto, elevaram-se, de superiores que já eram aos da India e mesmo da China, acima dos que foram em Babilonia e no Ejipto. A par da especulação mental a Grecia possuía mais do que a China a actividade scientifica, mais do que a India a actividade scientifica e já a consciencia histórica. Assim a Grecia pôde realizar, no v século antes da nossa era, o brilhante século de Pericles, no cual concorrem com a illustração de Pericles educado por Zenão d'Eléa, Anaxágoras, Protágoras, e Damão, a elevação do espirito público, o respeito pe'las tradições que enobrecem, a cultura scientifica, a máxima pureza da linguajem, e o entusiasmo de artistas jeniaes;— grande século em que a sociedade grega é digna de um Tucídides, de um Sócrates e de um Platão, de um Hipócrates, de um Ésquilo, de um Sófocles, de um Eurípides e de um Aristófanes, de um Píndaro e de um Fidias.

A China tinha a seu favor apenas o elemento histórico, mas paralizava-a o seu modêlo do passado; não havia ali o incentivo que dá a dignidade da justa comprehensão do que é tradicional. Ali, ser

grande, era ser o mais estricto imitador, escravizar a intelligencia, e obrigar as acções a todo pensar, a todo acto formulado e dirigido por um código que infiltrava num corpo vivo a decomposição dum cadáver. Peor era na India onde a suputação do tempo não se conhecia, e onde tinha desapparecido a noção de realidade dos objectos sensíveis em virtude de abstrusas meditações e explicações sobre *o ser e o não ser*, (*sad-asat*) sobre a apparencia e sobre a illusão dos sentidos. Buda como Laucio tinham a escolher entre o cepticismo e a desesperança. Se o carácter natural os não levasse ao amor compassivo, as suas doutrinas teriam sido as de cepticismo. Foram ambas as de desesperança. A China tinha chegado a fôrça de tensão tal que toda a philosophia tinha de perder-se num dêstes abismos. O que salvou as obras de Confucio, e as traz ainda hoje à admiração respeitosa da critica é a falta de originalidade de seu autor ou antes compilador, e a negação natural que ele sempre manifestou por toda a metafisica, pôsto não se desprendesse inteiramente dela, sobretudo no tocante ao Ceu e à influencia dos espiritos.

O fim de Confucio era todo práctico, os seus meios eram, todos, prácticos. «É fácil de perceber a minha doutrina — dizia ele — porque ella é simplez». E então um dos discipulos perguntou aos outros:—«O que significam aquellas palavras do Mestre?» Ao que Tsem, grande discipulo de Confucio respon-



deu — «A doutrina do nosso Mestre é ter um coração recto, e praticar a benevolencia para com os outros homens.» Mencio é digno de panteon dos grandes homens da antiguidade occidental, dalguns dos cuais foi contemporaneo, porque mais ainda que o Mestre soube evitar o escolho da metafisica.

Laucio foi na China antiga o filósofo metafisico. A sua doutrina foi, não a dos *tao-sse*, mas a da desesperança, e toda a base dela é o sofisma inconsciente explicando os fenómenos morais. Vejamos aonde leva a corrente lójica de tão absurda doutrina.

O ideal de Laucio é o *Tao*; mas o *Tao* é indifferente a tudo e do *Tao* provém o Ceu, que não tem afeição nenhuma particular, e do Ceu provém a Terra, sôbre a cual passam todos os seres sem que ela os acolha ou os rejeite. É esta indifferença, é este não cuidar de distinguir, é esta escusa a pensar, separar, escolher, o que produz a felicidade dos taoístas.

Se o bem e o mal se distinguem é porque existem as acções; sem a acção que produz o bem não se conheceria o mal; logo as acções, as obras, a actividade emfim, tal é a orijem do bem e do mal. Sem affirmacão não há negacão; assim a superioridade e a inferioridade, o difficil e o fácil, o justo e o injusto, a virtude e o vicio, a bondade e o rancor, a perspicacia e a hipocrisia, são actos morais simultaneos.



É a falta de harmonia o que denunciavam todos esses actos de amor, dedicação, fidelidade, sujeição. A occupação do sabio é pois não se occupar de nada, a eliminação de todo desejo: grandes ou pequenas, as coisas são para ele iguais; ao homem virtuoso trata Laucio como virtuoso, e ao homem que não for virtuoso e àquelle que o injuriá trata como ao homem virtuoso.

O Ceu e a Terra são eternos porque não vivem para si sós. Assim o sabio não vive para si só: para ser o primeiro é preciso ser o último, para brilhar carece de esconder-se; não se enche de vaidade, não se aplaude, nem se elojia e assim maior se torna o seu valor e fica superior aos demais homens.

«Pe'la minha parte — dizia Laucio — eu tenho três tesouros; e guardo-os em grande estima. O primeiro é: Mercê, o segundo é Frugalidade, o terceiro é não ousar ser o primeiro no país» *Tao-te-kim* c. 67. As três virtudes cardeais de Laucio eram com efeito: Modestia, Benevolencia e Contentar-se.

Tal é a idéa resumida, que podemos dar da doutrina de Laucio. É na prática conjunto de erros atrozes e de moral inútil.

Os seus sectarios, os *tao-sse*, proclamam, segundo a doutrina do filósofo, o seu principio do *Tao*. Disto lhes provém o serem chamados *taonitas* ou melhor *taoístas*. Admittem, porém, êste principio sem comprehenderem na verdade outra cousa que não seja a prática supersticiosa da evocação dos es-

píritos e de bruxarias. Os seus májicos, a que podemos chamar sacerdotes, são os que conservam a mitolojia já inteiramente adulterada, as lendas e as tradições banidas da relijião e dos livros officiaes, e só conhecidas dêstes astrólogos e necromantes (de ambos os sexos) ou doutros individuos que eles instruem.

A doutrina de Laucio tornou-se a bandeira dos contrarios às doutrinas confucianistas por necessidade de opor aos livros destas outro livro. O que, fora desta necessidade, há comum à doutrina do *Tao* e às práticas dos *tao-sse* ou *taoístas*, é unicamente a afinidade que atrai à majia o misticismo, e os misticos aos espiritistas, aos adevinhos.

Todavía, como já o dissemos, Confucio não ousou negar a influencia dos espíritos ; nem Mencio que foi além do Mestre deixou de definir o homem real, e o homem espirito.—«O homem que determina a nossa estima por elle é o *homem bom*. Aquele que em si possui a bondade é um *homem real*. Aquele que acumula indefinidamente a bondade é um *homem excelente*. Aquele em quem se patenteia brilhantemente a completa bondade é um *homem grande*. Quando o homem grande exerce influencia transformadora é então o que se chama um *sabio*. E se o sabio está acima da nossa percepção, é o que se chama um *homem espirito*.» Livro VII, p. II, c. XXV, 3-8.— Nem deixou Mencio de dar o segundo logar de importancia na pros-



peridade dos Estados aos Espíritos da Terra, acima dos cuais só estava o povo, e abaixo dos cuais se seguia o príncipe; e dizia que os príncipes que tiranizavam os povos, e ameaçavam de ofensa os altares dos Espíritos da Terra e dos frutos da Terra eram destituídos do poder.

O Ceu era também para Confucio o poder supremo. Quem o ofendesse não teria a quem deprecar, ninguém que o ouvisse. O Ceu conhece tudo, segundo Confucio; em o *Xu-Kim*, o Ceu personificado como *Ti* ou *Xam-ti* governa tudo quanto se passa ao de cima e por cima e a cima da terra, é ele o autor da natureza moral do homem, é ele quem faz as nações, quem determina aos príncipes que administrem a justiça castigando e premiando conforme as acções, é ele que dá aos reis o poder de reinarem, e em seu nome reinam os reis, cujo mandato lhes é confiado pe'lo Ceu.

Não vai mais lonje a doutrina propriamente religiosa, ou as, de certo modo, idéas teológicas de Confucio. E para completarmos a idéa que fazemos do seu carácter diremos que se ele não foi irreligioso não foi religioso e em nada, sob o ponto de vista teológico, fez prosperar a religião. O sentimento mesmo contrario à religião, que tanto se nota no povo chinês, é devido em grande parte à influencia de Confucio, e das especulações que se succederam à sua. *Huc*, na sua obra sôbre o Imperio chinês, vol. II, cap. VI, diz que o imperador *Ium-*



-*Chim*, pouco tempo antes de subir ao trono, arengou ao povo, fazendo uma summa das religiões do imperio, inclusive o cristianismo, e declarou que todas eram falsas e o povo devia desprezá-las todas indistintamente (Acêrca do indiferentismo religioso na China, V. *ibi*, vol. I, cap. IV). Mas para dizermos a última palavra sôbre o carácter de Confucio, repetiremos aqui esta frase de Legge que nos parece justa: «Duvidou mais do que afirmou crente.» Assim ele que nunca se explicou sôbre a existencia ou não existencia dos Espíritos, reconhecia a obrigação do culto dos finados. *Lun-Iu*, L. III, c. XII, 1-2. Parece mesmo que havia nele um quê de terror supersticioso; no cap. X dêste mesmo livro III diz ele: «Quando por ocasião do grande sacrificio (que só o imperador pode celebrar) se faz a libação evocando os espiritos, eu não ousa para lá olhar!»

A *K'um-tce* ou Confucio atribui o outro *K'um-tce* seu neto estas palavras registradas no livro «Doutrina do meio», o *Chum-Ium*, XVI 1-3: «Cuão vastas e profundas são as fôrças dos poderes espirituais! Em vão olhamos, não os vemos! Em vão os escutamos, que os não ouvimos! e todavia eles tudo penetram, nada está sem eles! São eles que obrigam os homens em todo o imperio a purificarem-se e a vestirem-se com os trajés mais ricos, e a correrem aos sacrificios em sua honra. Eles são como um fluido superior que por sôbre as nossas

cabeças corre e nos envolve pe'la direita e pe'la esquerda!»

Fica assim demonstrado que a crença predominante na literatura antiga da China é o animismo, resultado da superstição da existencia real e efectiva dos finados.

3.º

O Animismo segundo o Chau-li e o Xi-Kim

Tratando de Confucio dissemos que, logo depois da sua morte, o principe de Lu tinha mandado levantar templos em sua honra; e que, desde o comêço do VII seculo depois de Cristo, ele era exclusivamente venerado com verdadeiro culto em todo o imperio. Foi com effeito de 609 a 628 que êste culto com adoração caracterizada se afirmou por toda a China. Prevalece ainda hoje.

Nesses templos, na sala principal está Confucio, os seus principais discipulos, e muitos dos que em tempos subsecuentes se assinalaram explicando e exemplificando as doutrinas do Mestre. Por detrás desta sala estão as taboletas dos finados, e imagens de antepassados e outras sumidades.

No primeiro dia de cada mês, expõem-se as ofertas de frutas e vejetais, e no décimo quinto dia faz-se a queima solene do incenso. Daas vezes por ano, a meio da primavera e do outono, a adoração de Con-

funcio é feita com toda a pompa. No colégio imperial assiste o proprio imperador com todo o seu estado, e é ele o principal dos que teem parte efectiva na celebração da festa.

Depois do imperador se haver ajoelhado duas vezes e curvado a cabeça até o chão seis vezes, evoca-se o espirito de Confucio com estas palavras: « Grande és tu, sublime sabio! A tua virtude é perfeita e a tua doutrina completa. Não houve igual a ti entre os homens. Todos os reis te adoram. Vieram até nós gloriosamente as tuas determinações e as tuas leis. Tu és o patrono desta escola imperial. Prepararam-se reverentemente os vasos sacrificiais. Cheios de temor respeitoso fizemos soar os tambores e os sinos.»

Findas estas palayras supõe-se que o espirito de Confúcio está presente, oferecem-se-lhe varios dons e, apresentado que seja o primeiro, o funcionario encarregado da oração lê o texto cuja tradução é do teor seguinte: « Neste... mês dêste... anno, eu F... imperador, ofereço um sacrificio ao filósofo K'um, o antigo Mestre, o Sabio perfeito, e digo— Ó Mestre! igual em virtude ao Ceu e à Terra, cujas doutrinas abranjem o passado e o presente, tu ordenaste e transmitiste os seis clássicos, e deixaste lições para toda a jeração futura. Neste momento no segundo mês (da primavera ou outono) em observação reverente das antigas determinações, cuidadosamente te ofereço êste



sacrifício com vítimas, sedas, licores espirituosos e frutos. Andam associados a ti o filósofo *Ien*, teu continuador, o filósofo *Tsem*, que ensinou os teus principios fundamentais, o filósofo *Tstce-tce* que transmitiu a tua doutrina, e o filósofo *Mem*, que é o segundo depois de ti. Aceita as nossas ofertas.»

A orijem dêste culto é como temos dito a crença na continuação da vida do finado em estado de espirito, e no dever que teem os descendentes de prestar preito religioso aos espiritos dos antepassados. Mas esta crença não é característica dos Chineses. Todos os povos cultos de que temos historia escripta ou documentos dos cuais a inferimos, acreditaram em almas, em espiritos, em lémures, em espectros, em fantasmas, em aparições. Os povos itálicos cuja majia, na acepção propria, é de orijem grega e oriental, tinham, todavia, superstições disciplinadas e doutrinadas, que, na Etruria especialmente, apresentavam todos os caracteres da majia. Os Gregos diziam *patriázein* e os latinos *parentare*, espresando a idéa de prestar culto aos mortos, aos antepassados. Para os antigos do nosso occidente, o morto que não deixasse filho não podia receber as ofertas sacrificiais do culto dos finados, e tinha a fome perpetua, no dizer sarcástico de Luciano. O finado não era independente do vivo; o vivo não podia prescindir do espirito do finado. Ao antepassado davam-se os óbolos, faziam-se as

ofertas sacrificiais; ao vivo, ao descendente, pagava o antepassado em protecção inspirando-lhe corajem, dando-lhe bons conselhos, fôrça, consolação e até perdão, porque tinha o direito de o punir e como tal era receado. O mesmo era na India.

Na antiguidade ocidental como na China não era mister ter-se sido homem virtuoso, bom, para ser se espírito com direito ao culto, deus da familia. O tirano opressor tem entre os Chineses o seu lugar no templo, e o seu culto, como se tivesse sido o maior amigo do povo. No *Xi-kim* o rei Senon implora o espírito do rei Li seu pai, que em vida fôra tirano cruel e malvado. Esta apoteose não depende das qualidades do finado. Nem ela em principio eleva o finado até regiões lonjincuas, ignotas, mas consideradas superiores e fora das rejiões dos homens. O ceu é, na verdadeira concepção feiticista, uma parte da rejião ou uma das rejiões dos homens. Só mais tarde é que depende dum ser supremo, de condições de ser diferentes absolutamente das do ser humano. A alma, por isso que não se separa totalmente do corpo morto encerrado na sepultura, estava presa à terra; e se a concepção a dá como errante, não é porque a considera alheia ao corpo, pertence-lhe ainda. Assim o espaço, o ceu, estão povoados de seres de condições semelhantes às dos seres de sôbre-a-terra. O Chinês nunca formou idéa de Tártaro, de Campos Elisios, de Amenti. O *Xi-kim* e o *Xu-*

-kim não nos dizem nada àcerca de penas e premios depois da morte. Se no livro de Laucio, em o *Tao-te-kim* se encontra, e mesmo sob forma desenvolvida, a doutrina de retribuição, é certo que posteriormente esta doutrina não teve influencia nenhuma na China, nem há dela vestigio anterior, embora se tenha querido ver particularmente em uma das odes do *Xi-kim*, P. II, L. 5.º ode 6, est. 5, 6; ou na ed. dos Sacred Books of the East. D. v. O. 6, p. 361. A estancia 5 diz assim:

5 — « Andam os soberbos felizes, e os humildes chorando ; ó Ceu azul porque olhas mudo cá para baixo de lá da tua profundidade ?

Atenta nestes vaidosos e castiga ! Compadecete dos que sofrem e reprime o mal. »

Continúa depois na estancia 6 :

6 — « De bôa vontade agarrava eu estes difamadores e cuantos lhes servem os seus ardis, e os lançava aos tigres. Se os lobos e os tigres os poupassem havia de arremessá-los para o ar jelado onde sopra o cortante vento norte. E se ainda o norte deles se compadecesse, arrojava-os então para o Grande-Ceu, para que lhes desse o seu castigo ! »

Se nisto há prova de que em tempo da ode se concebeu a possibilidade de castigo merecido, dado pe'lo Grande-Ceu, não há, por certo, prova de que esse castigo fôsse para depois da morte, antes pelo contexto parece ser castigo temporal.



Mas isto mesmo se vê de muitos outros passos do *Xi-kim*, em que o Ceu é ou increpado ou implorado : tais os passos II, 4.<sup>o</sup>, 7 ; II, 5.<sup>o</sup>, 4 ; II, 6.<sup>o</sup>, 3 ; III, 2.<sup>o</sup>, 10 ; III, 3.<sup>o</sup> 10 ; etc.

O Chinês não comprehende que o homem tenha de dar conta da sua vida anterior depois de morto. Só a evolução de complicada mitolojia solar deu aos povos cultos da antiguidade a concepção de região infernal e de tribunal de juiz dos mortos. Assim o veremos sobretudo estudando a evolução religiosa no Egipto.

O *Xi-kim* revela apenas um feiticismo em que a abstracção ainda não determinou fenómeno natural que desse base ao culto, nem mesmo tendesse a assentar culto. Os corpos celestes teem os seus espiritos, como os teem as montanhas da terra, e os rios e tudo quanto está sôbre a terra. Acima dêstes espiritos está o Espirito do Ceu, e de certo modo o Espirito da Terra considerada já com abstracção das suas partes.

Ao Ceu oferecia-se segundo o *Xi-kim* o grande sacrificio do solsticio de inverno. Oferecia-se à Terra o grande sacrificio do solsticio de estio. Estes dois sacrificios só o imperador os podia executar.

Além dêstes sacrificios, conclui-se do *Xi-kim*, ter havido já então outros um pe'la primavera em honra de *Hau-tseih*, antepassado dos *Chaus* e protector da agricultura ; um pe'lo outono em honra de *Uen*, fundador da dinastia dos *Chaus*.

Estas quatro festas faziam-se assim em

cuatro épocas: no primeiro mês de cada uma das quatro estações no templo imperial. As cerimoniaes que aí se usavam conhecemo-las também pe'lo *Xi-kim*. Eram verdadeiras festas de familia, a que assistiam as mulheres dos jineceus e para as cuais eram convidados os príncipes dos diferentes estados suzeránicos, havendo todo o empenho em que assistissem os representantes das antigas dinastias. Para evocar os espíritos faziam-se libações com licores espirituosos fragrantés, incumbindo a um funcionario especial a evocação. Ao suzerano cabia matar a vítima, a primeira entre todas, um touro ruivo tirante a vermelho; e aos príncipes dos diferentes estados, que tivessem por nome de familia o da casa suzeránica, incumbiam outros deveres principais. Os antepassados são representados pe'los seus descendentes do mesmo apelido, os cuais tomavam na festa o lugar daqueles; e recebendo com os manjares destinados aos manes o preito em honra dos maiores de cujos espíritos se julgava estarem possuídos, e em cujo nome communicavam a sua vontade, abençoavam os individuos presentes e a sua futura linhagem.

Por ocasião do entêrro de alguns soberanos praticavam-se sacrificios humanos, desde os mais remotos tempos até depois de Confucio, enterrando-se com o morto alguns individuos vivos, e imolando-se outros sôbre a cova.

Estes factos não são peculiares às raças



amarelas. São próprios da evolução animista e independentes da raça. Há exemplos em toda parte do mundo. Na antiguidade ocidental julgava-se também que o morto tinha necessidade dos seus trajes, dos seus utensílios e das suas armas. Sôbre a sua cova lançava-se-lhe vinho, queimavam-se vitualhas, e introduziam-se ali alimentos, para apagar a sede do defunto, e matar-lhe a fome. A principal vítima que se imolava sôbre a cova era o cavalo, mas também os escravos, para que os espiritos dêstes fôsem servir o espírito de seu senhor.

O *Chau-li* codificou muitos dos antigos costumes que o *Xi-kim* nos revela e de que uma parte se encontra, ainda hoje, selvagem e atrozmente executada pe'las raças mogoloides, que vivem fora da Grande muralha.

Estabelecendo diferentes ministerios o *Chau-li* determina que tudo quanto é concernente ao culto, à adivinhação, à etiqueta, aos títulos insignes, diplomas e a todas as praxes e estilos consagrados pe'lo uso e de que ainda hoje o Chinês não pode afastar-se nem discrepar, esteja a cargo dum ministerio. É o ministerio da primavera. O seu ministro é depois do imperador, o primeiro funcionario da relijião.

O fim do culto é o preito devido aos Espíritos e obter a protecção que eles dão, em toda circumstancia da vida terrena, aos seus descendentes. O Ceu, já personificado, é o espírito supremo, imperador; a sua vontade



é fatal, inabalável ; castiga e premeia. Ao seu lado estão os cinco immediatos imperadores, os Espíritos que presidem às 5 regiões do espaço, e um sem número de espíritos menores de diferentes corpos celestes entre os cuais teem a primazia o Sol, a Lua, os cinco planetas já antigamente conhecidos, fáceis de ver sem auxilio de óculo mais ou menos aperfeiçoado : Mercurio, Vénus, Marte, Júpiter, Saturno. Os espíritos terrestres são: o Espírito da Terra, se não da terra personificada, pe'lo menos considerada como sede do espírito feminino cujo nome é *Heu-thu*, a qual com *Cham-ti*, o Ceu, considerado como imperador supremo, produziu todos os seres ; e além do Espírito da terra, os espíritos das montanhas, dos rios, dos lagos, dos cereais, das árvores etc. Os espíritos humanos são : os espíritos dos antigos príncipes, e dos ministros invocados como tutelares e patronos do imperio, e os espíritos dos maiores de cada familia.

Os sacrificios são grandes, menores e pequenos. Só o imperador tem direito de sacrificar em nome do Ceu ; e, como vimos, por ocasião das grandes solenidades é elle quem fere de morte a vítima principal.

O culto dos maiores é prescrito com rigor, e compete ao mais elevado e ao mais infimo dos Chineses prestá-lo em honra dos seus. Sôbre taboletas gravam-se os nomes dos finados, e todos os dias os descendentes vão commemorá-los em perfeita adoração, e crêem que os espíritos veem ouvir-lhes as

preces, as confidencias, as maguas, e todo queixume ou alegria. Em certas circunstancias solenes, o morto deve ser representado por um descendente vivo que occupa o logar do ascendente no festim familiar, e toma os alimentos que lhe são destinados.

Os áugures, os evocadores, os feiticeiros dependem do ministerio da primavera : para consagração dos actos officiais de que se espera prosperidade, como expedição armada, conselhos de príncipes e outros negocios de estado ; para recitação e leitura das preces e invocações officiais ; para exconjuuro das tormentas, das epidemias ; para chamamento das aguas das chuvas, e do estado meteorológico desejado ; para tudo, emfim, quanto se requiere dos poderes sôbrehumanos.

Dependem também do ministerio da primavera os cronistas e astrónomos. O cronista-mor tem a seu cargo a conservação dos arquivos e a regularidade do calendario. De observações meteorológicas tiravam-se prognósticos; e toda a ciencia dos astros, — se passou de mera astromancia ou além da astrologia, foi apenas em conhecimentos fáceis como a previsão de eclipses.

Pe'lo que temos dito nesta lição vemos que a relijião animista, que o *Xi-kim* nos revela, que o *Chau-li* codificou, e que posteriormente e ainda hoje existe na China como dá testemunho o culto prestado a Confucio, se conservou no período feiticista sem evolução sensível por mais de 3:800

anos, de que temos elementos históricos. Portanto não digamos, que os muitos séculos que uma religião conta, o número dos individuos que a seguem, são testemunho da sua verdade.

4.º

0 Animismo actual das raças mogoloides

As raças mogoloides que estão fora da Grande Muralha e se estendem desde o norte da Siberia até próximo do Himálaia, e penetram na Europa pe'la Russia, permanecem, umas num grau outras noutro, neste mesmo estadio de feiticismo. Algumas teem os ídolos que Marco Polo notou entre os Tártaros e são os seus deuses penates, a que esfregam as bocas com as comidas antes das suas refeições; outras, ídolos que são os seus patronos nos roubos que perpetraram, como no Tibete; outras prestam culto a pedras como os Samoiedos; ainda diversas, Tonguzos, Ostiacos e outras muitas tribus adoram o sol, e invocam os espiritos das árvores, dos rios, dos lagos, das fontes, e dalguns astros, principalmente da lua; ou chegando até a zoolatria, como os Iacutos, da Siberia, adoram o urso, sôbre cuja cabeça também os Ostiacos prestam juramento, até perante os tribunais russos.

Além dêste feiticismo acentuado teem mais as raças mongoloides a majia desde os tempos mais remotos, elevada entre os



Chineses ao taoísmo, e de certo modo aceita na religião oficial, e entre os Mongois elevada ao xamanismo, em que se tem querido ver uma característica do animismo mongol, como se tem querido ver uma característica do animismo chinês no culto dos maiores.

Mostrámos, que êste não é exclusivo da índole chinesa, que nada tem de étnico; é proprio dum certo momento da evolução animista.

O xamanismo ou majia dos xamães, os májicos mongois, é um conjunto de práticas májicas para evocação dos espiritos por meio dum tambor májico, e de convulsões sacras, ou éxtases. Delirio semelhante provocado por cerimonias adequadas, dansas misteriosas e bebidas excitantes, ou jejuns calculados existem noutras raças também. Na América as relações dos Ojibué com os espiritos realizam-se, unicamente, quando o medio chega à exaltação nervosa, ao frenesim que a dansa e o som do tambor lhe produzem. Doutras tribus americanas, e de muitas africanas podíamos citar exemplos dêstes factos; mas não fazemos um curso de etnolójia. Deixámos apenas afirmado o nosso modo de ver denunciando que estas práticas do chamanismo não teem cunho de orijinalidade, nem carácter étnico.

Nada há característico também no feitiçismo chinês, senão o ter-se fixado a evolução religiosa naquelle estadio. É por isto que a temos estudado mais demoradamente

do que carecíamos se buscássemos apenas dar idéa sucinta de uma evolução religiosa, que não teve influencia conhecida nas evoluções religiosas que mais nos importa conhecer, e sôbre as cuais assenta a base da nossa propria evolução cristã.







